

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA

David Sena Lemos (UERR)
(dsena.lettras@uerr.edu.br)

RESUMO

Hoje no Brasil o ensino da Língua Espanhola na Educação Básica tem demonstrado extrema relevância, inclusive por força da legislação. Há discussões sobre a plena efetivação da lei 11.161/05, uma vez que há muito a se rever sobre o processo de ensino-aprendizagem de espanhol no ensino público do país. Consoante a essa realidade, este artigo analisa o ensino do espanhol em Roraima no nível médio a partir de pesquisas realizadas em escolas públicas de Boa Vista. Com essas pesquisas verificou-se que muitas metodologias adotadas hoje no Estado não levam o aluno ao domínio pleno do espanhol. Isso por vários motivos que vão desde o fato de ser uma disciplina que não reprova ao final do ano letivo, daí o desinteresse do aluno, à aulas com metodologias e recursos que não funcionam na prática. Fica latente que as metodologias de ensino precisam ser reformuladas. Assim, apresentam-se aqui propostas para que o ensino se torne mais profícuo, e dessa forma o aluno possa, ao final do ensino médio, falar e escrever em espanhol, já que onze estados brasileiros são fronteiriços com países de fala hispânica. Uma proposta que intenta ser motivadora é o ensino através das expressões idiomáticas. Esses recursos linguísticos representam milhares de possibilidades na comunicação em espanhol. Tais idiomatismos espanhóis são vistos através de análises com as expressões do português e explicações de suas possíveis origens, as quais provêm de fatos reais ou folclóricos, algumas são duvidosas e outras engraçadas. Existem expressões com léxico e sentido parecidos nos dois idiomas, outras com o mesmo sentido, mas estruturas morfossintáticas diferentes. Portanto, como elemento linguístico enriquecedor do ato comunicativo, consideram-se as expressões idiomáticas de suma importância para o ensino do Espanhol como língua estrangeira moderna na educação básica.

Palavras-Chave: Língua, expressão idiomática, ensino de espanhol

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem é um fenômeno que não representa apenas a fala humana, mas tudo que cerca o indivíduo e transmite-lhe informações sobre seu mundo e culturas diversas. Dentre as várias linguagens, a *língua* é a mais importante para o homem. Pelo dinamismo da língua, o falante faz uso de inúmeros recursos linguísticos, como as gírias, frases feitas, provérbios, modismo e idiotismos. Inúmeros estudos apontam dificuldades em definir tais terminologias.

Língua é um termo usado freqüentemente como sinônimo de *idioma*. Já este se usa mais quando se fala de língua estrangeira. Daí origina-se o termo expressão *idiomática*, usado para referir-se a uma estrutura, uma unidade léxica complexa, que não é dedutível apenas do sentido individual dos seus elementos ou os signos linguísticos, mas do conjunto que envolve um contexto sociocultural distinto.

Sem se deter a definições, esse artigo analisa essas estruturas de forma genérica como *expressões idiomáticas*, e as apresenta como realizações linguísticas aplicáveis ao ensino de espanhol. A proposta surgiu após constatação – através de pesquisas com professores e alunos do nível médio – da deficiência no ensino e aprendizagem do idioma em algumas escolas públicas de Boa Vista-RR.

Para Dubois (1990) “Expressão idiomática é qualquer forma gramatical cujo sentido não pode ser deduzido de sua estrutura em morfemas e que não entra na constituição de uma forma mais ampla”. (1990, p. 330). É uma estrutura linguística que procede da construção cultural que uma comunidade de falantes faz no uso do idioma. Definir as origens é tarefa difícil. Pesquisadores afirmam que muitas explicações são duvidosas, pois sempre há uma ou mais histórias relacionadas que as explique. Muitas vêm de eventos que ocorreram com personagens reais. Há explicações folclóricas que o povo as mantém por muitas gerações e transmitem de forma oral, o que pode significar a perda de parte das explicações originais ou “corretas”. Em português e espanhol há muitas expressões parecidas formalmente, mas com sentidos diferentes, ou o mesmo sentido, e forma morfosintática diferente. As variações de sentido ocorrem porque há distintos contextos sociointeracionais de produção.

O ensino de língua estrangeira na escola deve objetivar o aperfeiçoamento das competências linguísticas e comunicativas do aluno. Para tanto há que se considerar a experiência da linguagem coloquial que o aluno domina e leva à escola. As expressões idiomáticas são algo do cotidiano do aprendiz. O espanhol é a língua oficial de 21 países, regiões com traços geográficos e culturais bem distintos. Assim há milhares de expressões idiomáticas, muitas de uso generalizado e outras bem específicas de determinados lugares.

Vários fatores contribuem para que o espanhol se consolide no Brasil: é o maior e mais populoso país sul-americano que não fala

o idioma; onze de seus Estados são fronteiriços de países de fala hispânica; integra o Mercosul e pode entrar em outros blocos econômicos, também compostos por hispânico-falantes.

A Lei de Diretrizes de Base da Educação (9394/96) diz que “será incluída uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória, (...)” (LDB: 1996, p. 14) no currículo do ensino médio. Diante dos fatores apontados acima, acredita-se que as escolas públicas e privadas devam priorizar em seus currículos o espanhol como língua estrangeira moderna.

Diante do inevitável contato do Brasil com países hispano-americanos, é notório que o governo federal tenha aprovado a lei 11.161/05, que torna obrigatória a oferta da língua espanhola nas escolas públicas e privadas de ensino médio. Contudo há uma carência de cinco anos para a implantação definitiva em todo o território nacional. Mesmo que não houvesse lei, é necessário que aluno brasileiro aprenda o espanhol, não apenas os que vivem em regiões do Rio Grande do Sul até Roraima. O que se observa, devido à proximidade geográfica e o necessário contato com os vizinhos, é o uso do *portunhol*, resultado da junção do português e espanhol.

COMUNICAR-SE EM OUTRO IDIOMA: AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

A língua é um dos traços característicos do homem que há muito a usa como meio de comunicação. Consoante a isso, o linguista russo Mikhail Bakhtin (2000) reforça a importância da língua na sociedade e acrescenta que se pode usá-la de diferentes formas para atender as distintas finalidades de acordo com os seguimentos sociais:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (...) O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo por sua construção composicional. (2000, p. 279).

Um ato de fala é uma atividade complexa. Para sua realização é fundamental que se compreenda primeiramente a composição formal, a apresentação dos enunciados como resultados de uma boa in-

teração verbal. As expressões idiomáticas possuem composições bem marcadas, fato que caracteriza o dinamismo da língua.

Para a teoria da comunicação, a interação ocorre quando emissor e receptor compartilham da mesma variante lingüística. José Luis Fiorin afirma que “(...) quanto maior for a intersecção entre os subcódigos do remetente e do destinatário, mais bem-sucedida será a comunicação” (2007, p. 31). Dessa forma é necessário considerar valores e ideologias que reflitam o ato de fala expressos nas variantes. As expressões idiomáticas representam produtos desses subcódigos.

Quanto maior a diversidade cultural de um país, maior é o número de expressões idiomáticas à disposição de seus falantes. Essa riqueza de recursos lingüísticos deve ser passada ao aluno de língua estrangeira, pois ao entrar em contato com as expressões mais usadas nos diferentes países, terá seu horizonte de conhecimento ampliado na língua meta. Muitos brasileiros consideram fácil a compreensão dos idiotismos espanhóis, pois o português e o espanhol são idiomas considerados “irmãos”. Verifica-se isso na observação de expressões comuns aos dois países, que são próximas na composição léxica e no valor semântico. Mas há também um grande número de expressões de difícil compreensão imediata, o que demanda de maior análise.

Assim como em muitas línguas modernas, em espanhol existem os chamados falsos amigos (heterosemânticos), palavras com semelhança ortográfica ou fonética, mas com significados diferentes: em espanhol, *sino* (destino, senão) e *aceitar* (untar com óleo). Há palavras com a mesma escrita, mas sílaba tônica diferente (heterotônicos), como em *academia* (academja) e *alergia* (alergja). Há palavras iguais, mas gêneros diferentes (heterogenéricos), como em *la nariz* (o nariz) e *el origen* (a origem). Há também outros aspectos lingüísticos que devem ser analisados, principalmente o contexto sociocomunicativo, para que haja uma boa interpretação, especialmente para a compreensão plena das expressões idiomáticas.

ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA:
ANÁLISE E SUGESTÃO DE RECURSOS

Para a consecução da aprendizagem do espanhol, é necessário mais do que o conhecimento lingüístico. Sabe-se que estudar um idioma não se limita apenas a pura análise das relações entre os signos, através da Fonologia, Morfologia e Sintaxe, ou as relações dos signos com a concepção de realidade que representam, através da Semântica. Além disso, é necessário compreender a análise das relações entre os signos e seus usuários e o contexto envolvido, fator pretendido pela Pragmática. É nesta última concepção que se analisa as expressões idiomáticas. Portanto, mesmo que o aluno possua a competência gramatical, é importante dominar a competência discursiva, a estratégica e a sociocultural da língua em estudo.

Os problemas relacionados ao processo de ensino e aprendizagem não são típicos das disciplinas ditas “essenciais”. Quanto à língua estrangeira, no caso em análise, o espanhol, há vários motivos que dificultam sua aplicação efetiva na Educação Básica. O primeiro refere-se à quantidade menor de horas destinadas às aulas: no Ensino Fundamental são duas horas e no Ensino Médio, apenas uma hora semanal (atual carga horária na rede estadual de ensino de Roraima). Outro fator se refere à carência de docentes com formação acadêmica na área, problema que não é específico de Roraima, senão de todo o Brasil, segundo previsão do próprio Ministério da Educação (MEC) quando divulgou a lei 11.161/2005. Esses fatores, somados a outros também importantes, tornam-se entraves na aprendizagem do espanhol, contrariando o que propõem as diretrizes educacionais para o ensino de língua estrangeira.

O que segue é uma mostra de como se dá atualmente o ensino da língua espanhola no Estado de Roraima, especificamente em parte da cidade de Boa Vista. São dados coletados em escolas da rede pública de ensino do nível Médio (1º, 2º e 3º anos), através de entrevistas feitas com professores e alunos. Nessa capital predomina o ensino de espanhol, mesmo com uma quantidade insuficiente de docentes para essa disciplina.

Muitas metodologias e estratégias são usadas no ensino de espanhol, são criações ou readaptações feitas pelos docentes. Mas quando perguntados como costumam ministrar suas aulas, 75% dos

professores entrevistados responderam que usam a exposição oral como principal metodologia, ou seja, somente apresentam os conteúdos gramaticais aos alunos, sem haver necessariamente uma interação comunicativa. E acrescentaram ainda que mesmo para aplicar essa metodologia encontram dificuldades. Uma terça parte desse percentual usa a destreza comunicativa, através de atividades variadas. Poucos disseram aplicar atividades de pesquisa em grupo ou tarefas sobre temas diversos dentro da cultura hispânica ou sul-americana. Contudo a maior parte (64%) dos alunos entrevistados preferiu não responder se a metodologia usada pelo seu professor é boa ou má. Todos os alunos concordaram com a importância de se estudar espanhol hoje, contudo os professores disseram que apenas metade desses alunos se interessa pelos estudos, outra, às vezes.

A metodologia aplicada é fator precípuo para obtenção de resultado positivo no ensino, mas parte dos alunos parece não se importar com o como se desenvolvem as aulas. Muitos, ao saberem que a disciplina não os reprovará ao final do ano letivo, não produzem as atividades propostas nas aulas. Há professores que vêem essa questão com indiferença, outros manifestaram insatisfação com o sistema educacional; alguns chegaram admitir terem seu trabalho desvalorizado pelos alunos e até pelos demais docentes.

Formado na área ou não, o professor deve criar meios que despertem o interesse do aluno. O enfoque gramatical usado de forma exclusiva já se mostrou insuficiente para o ensino de línguas. Portanto essa motivação pode-se conseguir usando recursos diversos além do quadro-negro e giz, como filmes, músicas, livros de textos, programas de TV, panfleto entre outros gêneros textuais. Mas só metade dos professores disse usar algum desses recursos, outros usam apenas os manuais didáticos, que estão sempre presentes como apoio, e, muitas vezes, são os únicos recursos disponíveis na escola. Muitos livros didáticos contemplam os aspectos culturais do idioma normalmente em pequenos textos ao final das unidades, destacando quase sempre nomes importantes da história, literatura, atores ou cantores, geralmente de forma desvinculada do conteúdo gramatical. Poucos fazem referência a expressões idiomáticas de forma mais analítica. A apreensão da língua pelo aluno poderá ser melhor quando os aspectos culturais forem relacionados com os de sua língua materna, principalmente numa análise contrastiva.

Há outras maneiras de tornar as aulas mais interessantes e produtivas, como levar à escola pessoas nativas da língua para interagir com a turma. Mais da metade dos alunos (75%) considera importante essa possibilidade. É fundamental que um estrangeiro (o aluno) ouça a fala de um nativo, pois a escuta é ponto crucial no início da aprendizagem de uma segunda língua. O aluno estará exposto diretamente à língua, percebendo a pronúncia, entonações, as variações fonéticas e lexicais e o uso de algumas expressões idiomáticas do país do nativo visitante.

Devido a proximidade de muitos Estados brasileiros com países hispânico-falantes, uma atividade no mínimo necessária são viagens a esses lugares, onde o aluno entrará em contato com situações reais, ou seja, contextos comunicativos naturais de uso da língua. Dessa forma ele associará a fala com a cultura local, podendo vivenciar expressões idiomáticas *in loco*. Todos os professores entrevistados disseram que é importante ensinar as expressões idiomáticas, pois consideram esse elemento linguístico enriquecedor do ato de fala. Contudo, 75% dos alunos não souberam definir o que é uma expressão idiomática. Isso demonstra que a abordagem dos conteúdos dessa forma não é uma prática constante nas aulas. Mesmo com essas respostas, 75% deles consideram importante aprender tais expressões, acreditando ser um dos recursos que possam contribuir para a aprendizagem.

Há muito se postula que a aprendizagem não acontece só no âmbito da sala de aula. Esta é só um dos espaços para busca do conhecimento. O ato de leitura fora da escola deve ser considerado e motivado. Perguntados se lêem livros em espanhol anualmente, os discentes responderam que não; já os professores, metade disse que lê até três livros. Mediante esse fato e sabendo da ineficácia de algumas metodologias adotadas, e muitas vezes aos alunos não lhes é apresentado insumos da língua, preconiza-se que o docente deva ampliar sua leitura, não só dos livros didáticos (que geralmente não se lê na íntegra), mas da literatura hispano-americana. Assim acredita-se que o docente enriquecerá seu conhecimento de mundo através do espanhol, o que lhe possibilitará elaborar metodologias produtivas. A motivação do aluno para prática de leitura é tarefa do professor, mesmo que no início sejam pequenos contos, gibis, textos tirados da Internet, da televisão, panfletos e rótulos de produtos variados, os

quais hoje trazem o espanhol como opção. Ao visualizar o texto e associando às imagens respectivas, o aluno tomará consciência da língua como um sistema (conjunto) e fará suas análises, criando condições para uma aprendizagem eficiente.

Os resultados de todo esse processo são verificados através da avaliação. Além de apresentar números ao sistema educacional ao final do ano (exige-se um percentual de frequência), é preciso que se investigue se houve de fato aprendizagem. Com a avaliação tenta-se obter um diagnóstico do ensino, não apenas para punir o aluno, mas para conhecer a situação atual dele em função das condições que estão sendo oferecidas, ou seja, o ensino como um conjunto de fatores articulados. As habilidades de ouvir, falar, ler e escrever devem ser objeto de verificação. Os professores entrevistados disseram aplicar avaliação do tipo objetiva e subjetiva, sendo que a maioria a aplica de forma contínua (entendida com atividades constantes em sala de aula). Contudo os alunos não têm claro quais são os objetivos das avaliações realizadas, pois metade deles disse ser objetiva, já 15% afirmaram ser subjetiva e para 35% é contínua. Na prática verifica-se que muitos alunos não dispensam a devida importância à avaliação (atividades que valem pontos), pois esses discentes têm consciência que não serão reprovados por notas. Portanto, se interessam em estarem presentes em sala, mas podem ou não realizar as atividades avaliativas propostas pelo professor.

Hoje com os avanços das pesquisas em Linguística, muitas teorias, abordagens e métodos de ensino de línguas são testados e aplicados. Um ponto pacífico entre muitos linguistas é que não se pode conceber o ensino de uma língua, materna ou estrangeira, apenas sob o enfoque vocabular, com frases isoladas e fora de um contexto real de comunicação. A história tem mostrado que um ensino de forma “mecânica” se torna contraproducente. O método audiolingual, por exemplo, adotado há muito, apesar do sucesso na época e do legado que deixou para a (re)formulação de outros métodos, hoje não se mostra eficiente – em todos os seus aspectos – para a plena consecução de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Ensinar a língua espanhola, incluindo nos conteúdos as expressões idiomáticas de forma contextualizada, é dispor de um recurso a mais – conforme o que propõe a Linguística – que ajudará na

apreensão e no desenvolvimento das habilidades pretendidas para o aluno. Quando se analisa uma expressão idiomática, muitas informações são assimiladas, como conhecimentos socioculturais de determinado país, as funções gramaticais de seus elementos, a sua relação sintática num texto, a diversidade vocabular, entre outros aspectos lingüísticos necessários ao estudo proficiente do idioma.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, ORIGENS E ANÁLISE

Seguem-se exemplos de algumas expressões idiomáticas comuns em espanhol, usadas nos países hispano-americanos e em outros, com explicações de suas possíveis origens, como resultado de diversos estudos de filólogos e outros pesquisadores da linguagem. Primeiramente se apresentam algumas com o léxico equivalente em português e espanhol e análise para o ensino da língua.

O primeiro exemplo, muito conhecido e usado, é *Hablar por los codos*, ou na versão em português, *falar pelos cotovelos*. Para Câmara Cascudo (*in A. História*, 2006, p. 21), a expressão se originou no Nordeste do Brasil, quando as mulheres brigavam com os maridos e à noite tentavam reconciliar-se tocando-os com o cotovelo. Em espanhol há a variante *hablar más que un sacamuelas* (dentista), expressão que se refere tanto a pessoas que falam em excesso como as que mentem muito, fazendo uma alusão aos dentistas que antigamente trabalhavam de modo ambulante, enganando a seus pacientes e prometendo-lhes coisas que não se realizariam. Para o enfoque comunicativo no ensino, pode-se usar essa expressão no início das aulas para conjugar o verbo *hablar*, inicialmente no presente do indicativo, pois ocorre muito nos primeiros diálogos.

Pagar el pato tem o sentido igual ao usado no Brasil. Refere-se a uma pessoa que sofre um castigo ou as conseqüências de algo que não merece. Segundo o filólogo João Ribeiro (*in A. História*, 2006, p. 19) a origem alude à história de uma mulher que foi comprar um pato para o jantar, mas o vendedor queria em troca alguns “favores” como pagamento; ela aceitou, mas com algumas restrições. Enquanto discutiam, o marido chegou questionando a demora da esposa. O vendedor explicou-lhe que o animal não havia sido pago; então o marido “paga o pato” e os dois vão embora juntos. Por outro

lado, Doval (1995) diz que a expressão começou a ser utilizada pelos velhos cristãos, brincando com as palavras, com os judeus espanhóis. Deonísio da Silva (2000) encontrou essa expressão em textos portugueses e em poema de Gregório de Matos no Brasil.

Entrar con el pie derecho em uma coisa ou lugar é uma expressão de sentido e origem comuns em espanhol e português: a superstição. Para Silva (2000) surgiu no império romano, onde os convidados só podiam entrar com o pé direito para evitar agouro. Doval (1995) diz que antigamente os sacerdotes, depois do início da missa, começavam sua subida ao altar com o pé direito. Se vistas primeiramente fora de uma sentença mais longa, as três expressões acima, iniciadas com verbos no infinitivo, podem servir para mostrar a parte fonética. Ao pedir que o aluno fale, mostra-se a pronúncia do fonema /R/ em espanhol, que se pronuncia como vibrante dental [r], diferente da pronúncia de muitas regiões do Brasil, onde se usa mais o som fricativo uvular [R].

Ainda nessas expressões estudam-se os artigos definidos no singular, pois em português, a pronúncia do /l/ final (em grande parte do Brasil) transforma-se em /u/; em espanhol o [L] é bem marcado. Na expressão *Entrar con el pie derecho* o professor orienta para a possibilidade da *juntura*, fronteira lingüística entre dois segmentos, ou seja, a união sutil da consoante final da primeira palavra com a vogal inicial da palavra seguinte (conel = ‘conel’), característica mais perceptível quando se tem fluência no idioma. Nesse momento o aluno não necessita das explicações fonológicas, mas precisa perceber as diferenças fonéticas próprias do idioma em estudo.

Las paredes oyen ou *As paredes têm ouvidos*, em português, tem o sentido de alertar sobre o perigo de ser escutado sem saber. Segundo Adriana Lui (in A.H. 2006) a expressão existe da mesma forma em outras línguas, como francês, chinês e alemão. Surgiu na França na época dos conflitos com os huguenotes, onde para escutar as pessoas das quais mais suspeitava, a rainha construiu uma rede de dutos, disfarçados entre as molduras em paredes e tetos do palácio. Lui acrescenta ainda que a forma originou-se da expressão “As paredes têm ratos, e ratos têm ouvidos”. Muitos castelos mantêm ainda aberturas nas paredes que permitem a audição em outras salas.

Usando a expressão acima se pode analisar gramaticalmente a

formação do plural do artigo masculino (*el*) e da variedade fonética de palavras que terminam em consoantes, como *pared*, que em alguns lugares se pronuncia como fonema / Θ / e em outros lugares se apaga esse fonema (*pare:*), mas a consoante aparece para formar o plural. Nesta frase já é possível mostrar a irregularidade dos verbos, como *oir* (*oyen*), verbo de 3ª conjugação, que no presente do indicativo apresenta formas diferentes (*oigo*, *oyes*, *oye*, *oímos*, *oís*, *oyen*). É interessante a análise que se pode fazer com a estrutura frasal em português na última expressão, que pode ter sido a original, jogando com as palavras: *As paredes têm ratos, e ratos têm ouvidos*. Há inúmeras expressões similares para esta mesma análise.

Fala-se espanhol em todos os distantes continentes, ainda assim observa-se que há expressões com sentidos muito parecidos, representando um mesmo referente comunicativo, mas com as constituições formais distintas. Isso ocorre devido a traços históricos ou miscigenação de povos, e corrobora com a tese de Saussure (1973) sobre a *arbitrariedade do signo linguístico*. A consequência (dificuldade de compreensão) desse fator se percebe na tradução de textos (oral ou escrito) para outros idiomas.

Exemplo das diferenças culturais e de épocas é a expressão *Quien fue a Servilla perdió su silla* ou também *Quien va a Oregón pierde su sillón*, que é uma frase feita igual como se dizia no Brasil *Foi pra Portugal perdeu o lugar*; e hoje é comum *Quem foi ao ar perdeu o lugar*. Entre as explicações, Doval (1995) situa a origem no século XV na Espanha. No Brasil sua ocorrência é registrada no século XIX, segundo M. C. Cristianni (*in* A. História: 2005). Nessa época havia grande imigração de portugueses que vinham com objetivo de prosperar nessas terras, e para isso tinham que manter seus locais de trabalho a qualquer custo; se voltassem a Portugal ou a outro lugar perdiam os espaços e as oportunidades.

Com essa expressão se pode estudar o pretérito indefinido do verbo irregular *ir* (*fuí*, *fuíste*, *fue*, *fuimos*, *fuistes*, *fueron*) e o presente do indicativo e pretérito indefinido de *perder* respectivamente (*él pierde* / *él perdió*). Não é necessário apresentar aos alunos tabelas com todos os verbos. Estuda-se também os pronomes indefinidos e possessivos (*quien* e *su*) e variação lexical, na comparação entre *silla* e *sillón*, esta última usada na frase para provocar a rima, recurso ex-

pressivo importante para facilitar a memorização dos idiotismos.

Tener la mosca detrás de la oreja significa estar desconfiado de algo. Para o mesmo sentido, no Brasil se diz *Estar com a pulga atrás da orelha*. Não há uma explicação clara para a “substituição” do inseto. Contudo, em espanhol, a palavra “mosca” é usada para referir-se a uma desconfiança vaga ou suspeita de algo. Expressão sinônima é *Andar con ojos* para dizer que está desconfiado ou está atento. Essas expressões e outras parecidas são usadas para questionar suas construções frasais e os elementos que as compõem.

Distante de encerrar um estudo dessa natureza, aqui foram apresentados alguns exemplos de expressões idiomáticas e análises possíveis para uma abordagem de conteúdos no ensino de espanhol. Sabendo-se que há milhares de idiotismo hispânicos, ao se elaborar estudos pormenorizados desses, se descobrirá as possibilidades de análise lingüística e um entendimento maior da cultural hispânica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A LDB (9394/96) estabelece como obrigatoriedade o ensino de uma língua estrangeira moderna a ser escolhida pela comunidade e uma segunda optativa. Em agosto de 2005 tornou-se lei (11.161/05) o ensino do Espanhol nas escolas públicas e privadas do país. Com isso discute-se sobre como implantar esse ensino, dentro da carência legal, e formas de melhoria onde esse já fora implantado, pois pesquisas apontam que há dificuldades para a plena consecução do ensino do idioma nas escolas públicas. Essa deficiência se deve a uma série de fatores. Por isso postula-se a revisão de metodologias adotadas e a criação de novos métodos e estratégias que facilitem a aquisição do novo idioma pelo aluno brasileiro. Uma questão a discutir refere-se à quantidade de horas destinadas e essa disciplina.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (2001) asseguram que não só o método de levar o aluno a entender, falar, ler e escrever é suficiente para o aprendizado. Há que se considerar outras competências, dentre elas saber distinguir as variantes e considerar o conhecimento de mundo do aluno. Nessa última competência enquadram-se as expressões idiomáticas, pois são manifestações lingüísticas típicas da linguagem oral, portanto envolvem o conhecimento de

mundo do aluno e a linguagem coloquial usada em seu cotidiano.

As expressões idiomáticas são apresentadas como forma de ensino e até estímulo para que o aluno dedique-se mais aos estudos. Ao comparar os idiotismos de sua língua materna e os equivalentes hispânicos, o estudante de espanhol ampliará seus conhecimentos culturais e lingüísticos, pois reconhecerá as diferenças fonéticas e fonológicas, estabelecerá as relações sintáticas e ampliará o léxico em espanhol; conhecerá não só a cultura sul-americana, mas de muitos lugares do mundo hispânico-falante. Possivelmente essa prática despertará a curiosidade do aluno, uma vez que terá explicações sobre as origens, as quais muitas trazem sutilezas intrigantes da história, reporta-se a épocas passadas, e assim conhece-se mais sobre sua própria história. O aluno será sujeito no processo de sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: M. Fontes, 2000.

BORGES, Bruno. *Pagar o pato*. Aventuras na História. São Paulo: Abril, n. 22, p. 19, jun. 2005.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. *LDB passo a passo*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) Comentada e interpretada artigo por artigo. 2ª ed. São Paulo: Avercamp, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua estrangeira*. 5ª a 8ª séries. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL, Lei nº 11.161, de 05 agosto de 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm. Acesso em 08 de outubro 2006.

CARDILLO, Adriana. *Falar pelos cotovelos*. Aventuras na História. São Paulo: Abril, n. 28, p. 21, dez. 2005.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Locuções tradicionais do Brasil*. Reedição. São Paulo: Global, 2004.

CRISTIANNI, Maria Carolina. *Foi pra Portugal perdeu o lugar*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos

Aventuras na História. São Paulo: Abril, n. 19, p. 19, mar. 2005.

DOVAL, Gregorio. *Del hecho al dicho*. Madrid: Ediciones del Prado, 1995.

DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1990.

FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LUI, Adriana. *As paredes têm ouvidos*. Aventuras na História. São Paulo: Abril, n. 35, p. 17, setembro. 2006.

REFRANES. Disponíveis em <http://www.personal.telefonica.terra.es>. Acesso em 20 de outubro de 2006.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras*. São Paulo: Mandarim, 2000.